



IGREJA DO CARMO, em Itu.  
Pinturas internas do Frei  
Jesuino do Monte Carmelo,  
um artista negro do século XVIII

# "De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA  
OPAE  
Itu • SP • 2026

## FORROZINHO DA CRATERA- FAZERES E EXPERIMENTAÇÕES IDENTITÁRIAS NA ZONA SUL DE SÃO PAULO

Cibeli Aparecida da Silva<sup>1</sup>

Professora Ensino Fundamental II e Médio (cat 3 Arte)

A vivência aqui apresentada teve início no ano de 2024, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vargem Grande I, localizada no extremo Sul de São Paulo, bairro Colônia/Parelheiros. Uma característica marcante deste local, é o fato de o bairro situar-se em uma cratera de impacto de meteorito, formada entre 5 e 36 milhões de anos atrás, com 3,6 quilômetros de diâmetro e cerca de 300 a 400 metros de profundidade. Trata-se da segunda cratera habitada no planeta (a outra fica na Alemanha, região da Baviera).

Geograficamente, estamos a 42,7 Km do marco zero da cidade de São Paulo, em área de proteção aos mananciais classificada como Zona Rural. Por ser um bairro dormitório e distante, o acesso à vida cultural da cidade é praticamente nulo para a maior parte da população. Formado nos anos 90 majoritariamente por migrantes nordestinos, o bairro possui um histórico de engajamento social onde as associações de moradores e sociedade civil atuam fortemente. A escolha do nome "Forrozinho da Cratera" traz em si a marca dessa trajetória geográfica e cultural, que é motivo de orgulho para a comunidade local.

Em 2023, a unidade escolar recebeu da Prefeitura um Kit de Experiências Pedagógicas de Arte contendo instrumentos de percussão e bandinhas. Tratava-se de algo inédito para mim, visto que minha formação é em Artes Visuais. Diante do encanto e do desafio de manipular esse material, decidi que esse seria o motivo para o ponto inicial do meu fazer pedagógico.

<sup>1</sup>É professora efetiva de Arte na rede Municipal de São Paulo, licenciada em Arte pela Faculdade de Arte Alcântara Machado (FMU/FAAM), Arte Educadora, Educadora social, Diretora em Projeto Sociais com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social na cidade de São Paulo. Coordenadora do Núcleo Educacional CEU Parelheiros, Coordenadora Pedagógica e Vice-diretora na Rede Municipal de São Paulo (PMSP) "[cibeli147@gmail.com](mailto:cibeli147@gmail.com). [lattes.cnpq.br/3693217919951308](https://lattes.cnpq.br/3693217919951308)"

Realização:



Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.  
Pinturas internas do Frei  
Jesuino do Monte Carmelo,  
um artista negro do século XVIII

# "De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA  
OPAE  
Itu • SP • 2026

Percebi que o mesmo encantamento operou na comunidade: em um evento aberto da escola, quando os instrumentos expostos viraram música nas mãos de pais, estudantes, funcionários e professores, que espontaneamente iniciaram cantigas de capoeira e samba. Diante dessa fluidez, constatei que tocar e cantar com aqueles instrumentos já fazia parte da cultura local.

Para mediar esse processo, recorri aos saberes da comunidade. Conteí com o apoio do Senhor Mário - morador do bairro, funcionário da escola, compositor, sambista desde menino e antigo ritmista da escola de samba "Vai Vai" (Figura 1). Com suas orientações, afinei os instrumentos. Iniciei e aprofundei meus estudos sobre os toques de atabaque por meio de tutoriais na internet e com o apoio dos professores Josias e Rose, em 2024, fizemos nossa Primeira apresentação de Maculelê na escola.



**Figura 1** – Parceria com o Sr. Mario 2025  
**Fonte:** Cibeli Aparecida da Silva

O percurso metodológico exigiu remanejamentos estratégicos. Inicialmente, entreguei os instrumentos aos estudantes para livre manipulação, porém a ação gerou manuseio incorreto, risco de danificar os materiais e ruído excessivo. Reformulei meu fazer, passando a apresentar, nomear e demonstrar a técnica correta de execução de cada um.

A partir dessa organização, surgiram questionamentos latentes dos estudantes, tais como: "Esse tambor é de Macumba?", "Macumba é do diabo?", "Sou evangélico, posso tocar?" ou "Para que servem os tambores?". Entendi esse momento como o ponto alto deste percurso. Foi a oportunidade para debater o conceito de sagrado para os povos ancestrais e contextualizar historicamente a presença de menções religiosas na capoeira, no maculelê e no samba. Ficou elucidado que a cosmovisão africana, assim como a de povos indígenas e outros

Realização:



Apoio:



Filiado a:



povos ancestrais, integra o sagrado à vida, mas que a prática escolar diferencia desses contextos ritualísticos presentes em templos, igrejas e terreiros, por exemplo, se contrapondo ao preconceito estrutural.

Essas reflexões sobre a desmistificação e o combate à demonização das culturas afro-brasileiras e indígenas, por meio de uma atitude decolonial, asseguraram o entendimento sobre a escola laica. Compreender a religião como manifestação cultural humana garantiu aos estudantes a liberdade e a segurança para tocarem os instrumentos sem medo ou preconceito. O estudo aprofundado envolveu catorze turmas e incluiu a exibição do documentário "Maculelê, entre Paus, grimas e cacetes", disponível em:

 **Maculelê: Entre paus, grimas e cacetes - Documentário**, para os 7ºs e 9ºs anos, fomentando o interesse identitário e a potência do fazer coletivo.

No ano de 2025, motivados pelo sucesso do Maculelê, aceitamos o convite da Coordenadora Pedagógica Andréa Lima para realizar uma apresentação na Festa Junina da escola. O processo foi pactuado com os estudantes: O foco seria no processo e a apresentação ocorreria apenas se eles se sentissem confortáveis.

Tínhamos apenas cinco dias para os ensaios. Ao lançar a proposta para os 7ºs e 9ºs anos, a memória corporal dos estudantes emergiu prontamente. O estudante Carlos, do 9º ano, manifestou o desejo de cantar forró e assumiu o vocal principal. Com essa escolha, dediquei-me ao estudo do baião e do forró, enquanto Carlos, e um grupo de trinta e cinco crianças e adolescentes estruturaram um repertório de cinco canções. Com o apoio da equipe escolar, realizamos os ensaios e a estreia do grupo "Forrozinho da Cratera" na Festa Junina (Figura 2).



**Figura 2 – Forrozinho da Cratera, Festa Junina, EMEF Vargem Grande 2025**  
**Fonte: Rosana Schunck.**



IGREJA DO CARMO, em Itu.  
Pinturas internas do Frei  
Jesuino do Monte Carmelo,  
um artista negro do século XVIII

# "De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA  
OPAE  
Itu - SP - 2026

A repercussão institucional e comunitária da apresentação expandiu os muros da escola. O grupo foi convidado a participar do Encontro dos Grêmios das escolas Municipais da DRE Capela do Socorro, no SESC Interlagos. Posteriormente apresentamo-nos na FLI SAMPA (Festival Internacional Literário de São Paulo), no Centro Cultural São Paulo, um evento de visibilidade promovido pelas Secretarias Municipais de Educação, Cultura e Relações Internacionais (Figura 3).



**Figura 2** – Forrozinho da Cratera, FLI SAMPA 2025

**Fonte:** Josias Melquides.

Em 27/05/2026, socializei o relato desta prática no “III Seminário de Cultura na Educação - Deslimitar o Desconhecido”, no Teatro Paulo Eiró, espaço onde fui incentivada a submeter esta vivência a este congresso. Compartilhar este relato é validar a importância de fazeres intencionais que dialogam com o território, o processo com os estudantes não apenas transformou a comunidade escolar, mas desafiou-me como docente, em relação à possibilidade de circular em espaços de partilha de saberes entre os que atuam na área de educação e cultura.

**Palavras Chave:** educação decolonial; identidade cultural; território e saberes comunitários.

Realização:



Apoio:



Filiado a:

